

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 38, outubro 2018, Editorial]

Saúde do Trabalhador: é hora de voar para além do umbigo

A saúde do trabalhador é um voo que não consegue aterrizar, mas tem combustível suficiente para continuar em direção à dignidade do trabalho. O combustível inesgotável é a militância e o orgulho de produzir conhecimentos que não fiquem engavetados nos porões da ciência tradicional. Todavia, é preciso buscar novas fontes de combustível renovável, para que os tempos, mesmo mudando, não comprometam a garantia do voo até a vitória final. Parar de dar voltas e mais voltas em volta do umbigo é a primeira manobra do redirecionamento. É hora do movimento sindical se repensar, em tempos sombrios de extermínio explícito do sindicalismo, da academia se reformular, em tempos de produtivismo predatório e liberal-mercantil, e dos serviços de saúde do trabalhador, mais que nunca, reciclarem-se antes que acabem, como aliás vem sendo (a)tentado contra vários Cerest [Centro de Referência em Saúde do Trabalhador]. Como se acoplar, em pleno voo, às novas plataformas de combustível renovável (energia solar, eólica, sopros dos deuses), para reabastecer-se rumo à utopia? Que pessoas e instituições, atualmente, só olham para seus próprios umbigos, sabemos. Como escreveu Luis Fernando Veríssimo, em algum momento: *“A fome do mundo não é de igualdade e justiça, é de eletrodomésticos e férias no verão”*. Poderíamos acrescentar ...e de carro do ano, academia de ginástica, cesta básica de perfumes e cosméticos, celular turbinado, grana e pouca democracia... Igualdade e justiça não é produto de primeira necessidade. E na saúde do trabalhador é justamente isso que falta. Embora não se possa generalizar, também não se pode dizer que o melhor possível foi feito. Não foi. Mas temos combustível. Para além do corporativismo, do individualismo, do consumismo e do aparente êxito da ideologia liberal de colocar a sociedade à mercê do mercado, existe, por parte de pessoas e grupos organizados, uma enorme resistência à lógica desumana e avassaladora de retirar direitos em nome de uma modernidade que exclui mais e mais. A razão que une os resistentes é a luta por direitos humanos. Atingidos por desastres, pessoas com deficiência, mulheres vitimadas, negros discriminados, refugiados abandonados, perseguidos pela sexualidade, indígenas acoados, quilombolas desrespeitados, desalojados do “progresso” - sem-terra, sem-teto, desempregados, e os sem-esperança - escravos da modernidade... Somados todos, a conta só aumenta.

Contudo, há uma outra razão que une os excluídos, perseguidos, violentados, discriminados, mesmo que isso ainda não faça parte de sua agenda de lutas: o trabalho numa sociedade de classes. Esta razão ainda não está explicitada, mas como explicitá-la? A luta pelo direito no trabalho e, em especial, na sua vertente de saúde do trabalhador, ficou confinada, principalmente, ao sindicalismo operário, urbano e fabril. Os êxitos seculares dessa luta, nos novos tempos liberais-mercantis-rentistas, estão sendo destroçados com uma rapidez que não é acompanhada na mesma velocidade pela mudança de estratégias de luta dos trabalhadores. Novas premissas devem ser pensadas. Todos os movimentos que lutam por direitos específicos, citados anteriormente, são compostos por trabalhadores, mas não têm o trabalho e, tampouco a saúde do trabalhador, como questão relevante, e muito menos prioritária de sua luta. De um modo geral, os movimentos que lutam por direitos humanos guardam especificidades de seus interesses mais diretos que muitas vezes divergem entre si. Motivados frequentemente por atrelamentos político-partidários, religiosos, culturais, econômicos, corporativos, e clientelísticos, embora tenham uma pauta comum de luta: o direito humano, em si, este não é um fator aparentemente suficiente para aproximá-los em articulações estratégicas de unidade na luta. Direito ao reconhecimento, ao livre arbítrio, à autonomia, ao respeito, à não-violência, à não discriminação, ao acolhimento, às políticas públicas, entre tantos outros, são temas comuns aos movimentos. Mas onde está a unidade na luta? Salvo uma ou outra manifestação de apoio em situações determinadas, os movimentos costumam ser pequenas aeronaves solitárias voando em busca de um pouso seguro. O sindicalismo que já foi uma pujante aeronave na direção de mais direitos, hoje também voa sem radar. Nos anos que se vislumbram, em que o mundo, após a onda neoliberal, vem voando, pela extrema-direita, por rotas de colisão com a democracia e as políticas sociais inclusivas, universalistas e de direitos humanos têm combustível de sobra no autoritarismo, no fascismo e na crença em pilotos bem treinados para serem kamikazes sem que eles saibam ou desconfiem. Para voar além do umbigo, a saúde do trabalhador em suas práticas institucionais públicas - serviços e academia - e sindicais, necessita preparar-se para a ampliação de seu objeto interdisciplinar, intersetorial, educativo e político. **O primeiro passo é radicalizar a articulação com os movimentos por direitos humanos, em geral, tendo como palavra de ordem de aproximação uma coisa simples e, por isso, óbvia: a relação saúde-trabalho. Saúde e trabalho são unanimidades nas lutas dos movimentos por direitos, o que parece que está faltando é falarmos disso juntos. Talvez ainda não tenhamos pensado nisso...**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.